curar algumas doenças ou atrair seus desejos. "As simpatias sempre foram uma opção, principalmente quando não tínhamos acesso aos tratamentos adequados. Quando é uma questão de saúde, por exemplo, após alguma cirurgia, eu pegava algumas plantas específicas e fazia uma simpatia. Não é um remédio, é um tratamento energético que ajuda na cura dessas questões", justifica Aparecida.

Ademais, a aposentada mantém atitudes específicas para certas situações que a acompanham pela vida toda. "Quando meus netos tinham soluço, eu arrancava um fio da roupa, fazia um bolinho e colava na testa deles e passava na hora. E também faço cruz com saliva em uma área do corpo que está formigando para parar. São esses conhecimentos certeiros que eu passo para minha filha e meus netos", finaliza.

O caso de dona Aparecida não é único. Com o sincretismo religioso e a herança de conhecimentos ancestrais, grande parte da população brasileira reproduz essas simpatias, por vezes sem refletir sobre sua origem. Usar determinadas cores — como o amarelo — no ano-novo ou colocar sal grosso e folhas de louro atrás da porta se incorporaram organicamente à tradição cultural do país. Mais do que a simples coexistência de tradições distintas, ele representa uma estratégia de preservação e adaptação cultural, em que elementos do catolicismo popular, das religiões de matriz africana e de saberes nativos se entrelaçaram organicamente.

A leitura do futuro

Assim como os banhos, as simpatias e o uso dos minerais, a leitura de cartas é outro caminho amplamente buscado por quem tenta decodificar as incertezas do cotidiano. Seja por meio do tarô, seja do baralho cigano, essas lâminas deixaram de ser vistas apenas como oráculos de previsão do futuro e passaram a ocupar um espaço de escuta e acolhimento emocional.

A taróloga e cartomante Rafaela Rosa desmistifica esse processo de leitura das cartas. "As pessoas podem trazer um preconceito, mas o que é preciso entender é que o futuro só cabe a elas. Então, nós damos um norte, mas quem tem a decisão nas mãos é a pessoa que pergunta."

Além disso, a interpretação das cartas pode variar de acordo com a sensibilidade de cada profissional. "A espiritualidade é algo que eu acredito que nascemos com ela. Em algum momento da vida, decidimos se vamos ou não abrir essa porta. Mas os espíritos se manifestam de maneiras distintas em cada um. Por isso, não damos uma resposta exata, mas, sim, um caminho a ser seguido", aprofunda a cartomante. Ela explana também que o amor é o tópico mais procurado em suas consultas.

Ao contrário da maioria, Luísa Vargas, estudante de 23 anos, prefere não perguntar sobre questões amorosas. "Normalmente, pergunto sobre trabalho, financeiro e saúde. E as leituras apontaram algo que aconteceu, o que é bom, porque, se tenho um problema, posso tentar resolvê-lo antes que vire algo maior." Mais do que meras superstições ou hábitos irracionais, essas práticas funcionam como ferramentas de acolhimento e escuta interna. Ao unir a razão ao misticismo, a cultura brasileira demonstra que, no fundo, acender um incenso, tirar uma carta ou dobrar um fio de linha na testa são formas genuínas de exercer a esperança e retomar o controle sobre a própria vida.

***Estagiária sob supervisão de Sibele Negromonte**

